

Vozes do Triunfo: narrativas de si de professoras da educação básica

*Aldenise Cordeiro Santos**

*Dinamara Garcia Feldens***

Resumo

Esta pesquisa se propõe a analisar a produção discursiva acerca da mulher na escola contemporânea. Com o objetivo de compreender as instâncias e caminhos por meio do qual se construiu na instituição escolar formações discursivas e saberes acerca da mulher. Utilizando-se da genealogia como abordagem metodológica, sem com isso buscar uma identidade de mulher, mas sim percorrer os diferentes enunciados, imagens, subjetividades, ações, objetos, espaços, camadas, discursos e saberes produzidos a seu respeito. Por meio de entrevistas com professoras do povoado Triunfo, da cidade de Simão Dias, do interior de Sergipe, iremos traçando narrativas de si dessas docentes junto às intercessões teóricas. São três professoras que atuam na educação básica, que em suas narrativas sinalizam elementos que compõe a docência, como o longo e infinito caminho da formação. Portanto, esta é uma construção genealógica das diversas camadas que compõe o conceito mulher, que também tem sua composição nos espaços escolares.

Palavras-chave: professora; mulher; produções discursivas.

* Doutora em Educação pela Universidade Tiradentes. Professora da Rede Estadual de Ensino do Estado de Sergipe. É pesquisadora integrante do Grupo de Pesquisa Educação, Cultura e Subjetividades (GPECS/CNPq/UFS). Email: aldenisecs@yahoo.com.br

** Doutora em Educação pela UNISINOS. Professora da Universidade Federal de Sergipe - UFS. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Educação, Cultura e Subjetividades (GPECS/CNPq/UFS). Email: dfeldens@hotmail.com

Voices of triumph: narratives of si of teachers of basic education

Abstract

This research proposes to analyze the discursive production about women in contemporary school. With the objective of understanding the instances and ways through which discursive formations and knowledge about women were built in the school institution. Using genealogy as a methodological approach, without seeking a woman's identity, but rather going through the different statements, images, subjectivities, actions, objects, spaces, layers, discourses and knowledge produced about them. Through interviews with teachers from the village of Triunfo, in the city of Simão Dias, in the interior of Sergipe, we will draw narratives of these teachers together with the theoretical intercessions. There are three teachers who work in basic education, who in their narratives signal elements that make up teaching, such as the long and infinite path of formation. Therefore, this is a genealogical construction of the several layers that make up the concept of woman, which also has its composition in school spaces.

Keywords: teacher; woman; discursive productions.

Voces del triunfo: narrativas de si de profesoras de la educación básica

Resumen

Esta investigación se propone analizar la producción discursiva acerca de la mujer en la escuela contemporánea. Con el objetivo de comprender las instancias y caminos por medio del cual se construyó en la institución escolar formaciones discursivas y saber acerca de la mujer. El uso de la genealogía como enfoque metodológico, sin con ello buscar una identidad de mujer, sino recorrer los diferentes enunciados, imágenes, subjetividades, acciones, objetos, espacios, capas, discursos y saberes producidos a su respecto. Por medio de entrevistas con profesoras del pueblo Triunfo, de la ciudad de Simão Dias, del interior de Sergipe, iremos trazando narrativas de sí de esas docentes junto a las intercesiones teóricas. Son tres profesoras que actúan en la educación básica, que en sus narrativas señalan elementos que componen la docencia, como el largo e infinito camino de la formación. Por lo tanto, esta es una construcción genealógica de las diversas capas que compone el concepto mujer, que también tiene su composición en los espacios escolares.

Palabras clave: profesora; mujer; producciones discursivas.



Introdução

Nós viemos a ser, nós nos tornamos. Mas não mudamos tanto assim. Nós nos fazemos com aquilo que somos. (PENNAC, 2008, p.82)

Na educação contemporânea professores e pensadores tentam explicar a falência da escola, muitas de suas argumentações para os problemas educacionais perpassam a formação, a (in) disciplina, a terceirização da educação das crianças feitas pelos pais, até chegarmos à questão da diferença, muitos debates teóricos transcorreram. É eminente como a produção da diferença e suas implicações têm incidido na educação, a escola têm se especializado em sua produção maquinaria, que incide no desejo atuando como uma fábrica da produção de subjetividades.

Reiteramos conceitos que nos são ensinados com o propósito da manutenção do modelo de sociedade ocidental e capitalista. Por vezes, pensamos que estamos vivenciados processos de mudanças e avanços, mas não nos damos conta que novos enquadramentos são propostos. A diferença foge em suas brechas. Somos assim, convencidos mais uma vez a tentar nos encaixar no molde. Quanto a esta produção, entendemos que subjetividades são ilimitadas em suas mais diversas possibilidades. As subjetividades não se limitam ao sujeito uno como defendido pelo movimento cartesiano, elas são fluídas e ilimitadas.

O estabelecimento de verdades tem incidido na produção discursiva e de saberes acerca da mulher na educação. Aliás, os territórios educacionais têm gerado múltiplas diferenças. O conceito mulher que lidamos corriqueiramente, em nosso cotidiano, também é uma diferença que foi produzida pela instituição do modelo de educação moderna e que está presente na formação de professores atual.

Pensamos assim, não por ideologias, mas promovendo agenciamentos com diversos elementos que estão a nos afectar, produzindo sempre outras afecções. Para Deleuze e Guattari, “todo rizoma compreende linhas de segmentariedade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc.; mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar” (1995, p.18). Existem também linhas de fuga que possibilitam romper as raízes e criar diversas outras ligações. Nessa perspectiva, esta pesquisa percorrerá autores como: Deleuze (1992;1995; 2006), Foucault (1979; 1987; 2004) e Guattari (1992;1995; 2010).

Este artigo apresenta as narrativas de si das professoras do povoado Triunfo, da cidade de Simão Dias. São três professoras que atuam na educação básica, que em suas entrevistas indicam os elementos que compõem suas docências, demonstrando produções discursivas e saberes acerca da mulher presentes em suas salas de aula. Como abordagem metodológica utilizamos a genealogia para compreender as diversas camadas que compõe o conceito mulher, que também tem sua composição nos espaços escolares.

O texto se divide em cinco partes: na primeira demonstramos como utilizamos a genealogia como abordagem metodológica porque ela permite a compreensão das instâncias da produção discursiva e de saberes; depois trabalhamos com os indícios gerados a partir dos encontros com as professoras do Triunfo; na terceira parte trabalhamos as narrativas de professoras; posteriormente apresentamos o lugar de pesquisa e suas ca-



racterísticas; por fim, tratamos da coeducação quando apresentamos as narrativas das professoras sobre as alunas mulheres.

Inspirações da genealogia

Utilizamos a genealogia como procedimento da pesquisa, porque é a partir dela que foi possível buscar entendimentos sobre a construção de saberes acerca da mulher. O método genealógico foi pensado por Nietzsche com elementos apresentados nas obras: *Genealogia da Moral* (1887), *Gaia Ciência* (1882) e *Humano Demasiadamente Humano* (1880), e levado adiante por Foucault na *História da Sexualidade* (1976), *Vigiar e Punir* (1975) e a *Arqueologia do Saber* (1969), em que se faz uma análise da produção de saberes para explicar como são estabelecidas as relações de poder. O Foucault genealogista examina as relações entre o poder, o saber e o corpo na sociedade moderna.

A genealogia se opõe à pesquisa da origem, não pode ser rebaixada apenas a isso, ela caminha por outros sentidos porque “restabelece os diversos sistemas de submissão; não a potência antecipadora de um sentido, mas o jogo casual das dominações” (FOUCAULT, 1979, p.23). Por exemplo, na *História da Sexualidade* Foucault indica que buscou as instâncias de produção discursiva e de produção de poder para construir uma história desses elementos e de como se transformaram.

[...] A descentralização operada pela genealogia nietzschiana, o tema opôs a busca de um fundamento originário que fizesse da racionalidade o *telos* da humanidade e que prendesse a história do pensamento à salvaguarda dessa racionalidade, à manutenção dessa teleologia e à volta, sempre necessária, a este fundamento. (FOUCAULT, 1987, p.15)

Esta é uma pesquisa de desenvolvimento de uma genealogia das práticas discursivas produzidas acerca da mulher na escola, que tem buscado suas implicações desde o modelo moderno de educação às experiências contemporâneas. Por conta disso, nos voltamos a estudar a interseção da mulher na educação de forma mais profunda e aportando também em discussões contemporâneas acerca de uma escrita feminina como a apresentada no livro *A aventura de contar-se* da escritora Rago (2013), que procura desconstruir poderes e dispositivos acadêmicos na produção acadêmica que têm sido eminentemente masculinos e falocêntricos.

A genealogia não pretende recuar no tempo para restabelecer uma grande continuidade para além da dispersão do esquecimento; sua tarefa não é a de mostrar que o passado ainda está lá, bem vivo no presente, animando-o ainda em segredo, depois de ter imposto a todos os obstáculos do percurso uma forma delineada desde o início. Nada que se assemelhasse à evolução de uma espécie, ao destino de um povo. Seguir o filão complexo da proveniência é, ao contrário, manter o que se passou na dispersão que lhe é própria: é demarcar os acidentes, os ínfimos desvios – ou ao contrário as inversões completas – os erros, as falhas na apreciação, os maus cálculos que deram nascimento ao que existe e tem valor para nós; é descobrir que na raiz daquilo que nós conhecemos e daquilo que nós somos – não existem a verdade e o ser, mas a exterioridade do acidente. Eis porque, sem dúvida, toda origem



da moral, a partir do momento em que ela não é venerável – e a Herkunft nunca é – é crítica. (FOUCAULT, 1979, p.31)

Portanto, este é um estudo de abordagem genealógica, com a finalidade de compor um processo de pesquisa que compreenda as subjetividades dos sujeitos de pesquisa, a partir dos elementos do sensível e demais impressões que permeiam o social. Esta pesquisa tem se movimentado para compreender diversos modos de subjetivação que constroem as práticas discursivas sobre a mulher na escola, as quais conduzem a mulher a enquadramentos sociais.

Foram desenvolvidas entrevistas semiestruturadas voltadas a compor narrativas de três professoras dos primeiros anos do ensino fundamental. Realizamos dois blocos de entrevistas com mulheres/professoras, que ainda atuam no ensino fundamental, no povoado Triunfo, da cidade de Simão Dias/SE. Os resultados foram muito produtivos, em que foram compostas longas narrativas orais autobiográficas do fazer docente. A abordagem de análise é o desenvolvimento de uma genealogia da construção do conceito mulher, por meio das narrativas de si destas professoras. Dentro da perspectiva de Foucault de pensar a escrita de si,

O trabalho que a carta opera no destinatário, mas que também é efetuado naquele que escreve pela própria carta que ele envia, implica portanto uma “introspecção”; mas é preciso compreendê-la menos como um deciframento de si por si do que como uma abertura que se dá ao outro sobre si mesmo. (FOUCAULT, 2004, p.157)

A pesquisa de campo nos permitiu compreender as indicações de como trabalhar essas trajetórias de docência e os conceitos que a permeiam. As entrevistas realizadas foram orais, gravadas, posteriormente transcritas para proceder à análise. Após o processo de transcrição realizamos análises a partir das demandas da pesquisa. Fomos selecionando falas relacionadas ao lugar, aos enquadramentos, às subjetividades, às experiências, às alunas mulheres, às composições e à formação para a diferença.

Com a utilização desta abordagem empírica, temos por objetivo identificar, a partir da análise das narrativas, práticas discursivas que determinam o conceito mulher na educação escolar. Essa produção discursiva compõe uma moralidade atuante na subjetividade dessas mulheres numa “ideia de uma subjetividade de natureza industrial, maquínica, ou seja, essencialmente fabricada, modelada, recebida, consumida” (GUATTARI; ROLNIK, 2010, p.33).

Portanto, estamos pensando a produção de subjetividades de mulheres na escola e quais são os conceitos produzidos do que ser e como se compreender. Devemos dizer, contudo, que isto está em processo, traçando linhas em um emaranhado, sem início, nem fim, sempre acionando pelo meio e compondo um plano de imanência, em um processo de investigação da produção de subjetividades.

As demarcações e papéis sociais são construídos historicamente e culturalmente. Esta produção de verdades atua de forma a compor gestos, hábitos, comportamentos, entre tantas maneiras de ser e de agir, as quais delimitam o certo e o errado, definindo a moral e conceitos de ser mulher. São enunciados carregados de um regime de signos a nos dizer o que ser e que fazer, por vezes, não nos damos conta, e reafirmamos modelos.



Naturalizamos ideias e formas de ser mulher, porque se impõem como verdades para nossa sociedade. Nesse processo de subjetivação surgem linhas de fuga que acabam por produzir diferenças, como nos indica Louro:

Diferenças, distinções, desigualdades... A escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso. Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação discursiva. Ela se incumbiu de separar os sujeitos – tornando aqueles que nela entravam distintos dos outros, os que a ela não tinha acesso. Ela dividiu também, internamente, os que lá estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização. A escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna começou por separar adultos e crianças, católicos e protestantes. Ela também se fez diferente para os ricos e pobres e ela imediatamente separou meninos e meninas. (LOURO, 2011, p.61)

A Escola tem produzido diferenças constantemente, porque a educação moderna busca generalizações. Como enquadrar o que foge às generalizações? A diferença está sempre fugindo pelas brechas e produzindo o novo sempre.

Portanto, esta é uma proposta de pesquisa para pensarmos além das trincheiras e demarcações culturais impostas entre homens e mulheres. Essa divisão é o próprio cerne da discussão, porque exclui a diferença, o outro desviante desse enquadramento. Não podemos continuar na condição de educadores a perpetuar a exclusão do outro, do diferente e do dessemelhante em nossos processos educativos.

Diferença aqui não está pensada como características ou identidades que nos separam para este ou outro encaixe, para Deleuze “(...) como diferença no conceito, o princípio de diferença não se opõe à apreensão das semelhanças, mas, ao contrário, deixa-lhe o maior espaço de jogo possível” (2006, p.34). A produção de diferença é o que foge a todos os encaixes; que alicerçam a produção discursiva acerca dos diversos elementos da vida na sociedade ocidental. Aqui mais objetivamente analisamos como a mulher tem fugido aos agenciamentos compostos de uma carga de termos que determinam saberes acerca da mulher.

Encontros com as professoras do Triunfo

A educação é, necessariamente, um empreendimento coletivo. Para educar – e para ser educado – é necessário que haja ao menos duas singularidades em contato. Educação é encontro de singularidades. Se quisermos falar espinosamente, há os bons encontros, que aumentam minha potência de pensar e agir – o que o filósofo chama de alegria – e há os maus encontros, que diminuem minha potência de pensar e agir – o que ele chama de tristeza. A educação pode promover encontros alegres e encontros tristes, mas sempre encontros. (GALLO, 2012, p.1)

São múltiplas as marcas que nos atravessam no caminho infinito da formação docente. Esta é uma longa trajetória em que há encontros e desencontros, porque estamos lidando com a educação. Quantas vezes, na profissão docente, nos esforçamos para planejar e fazer diferente a cada aula? Contudo, nem sempre nossos alunos nos dão as respostas que esperamos, porque estamos lidando com o inusitado provocado pelas interseções das diferenças presentes nas salas de aulas.



Em meio a estes encontros e desencontros fomos compondo esta pesquisa, na fala dos alunos, nas experiências com o lugar. Dessa forma, fomos observando as produções discursivas acerca da mulher na comunidade e pensamos como iríamos desenvolver os caminhos desta pesquisa.

Aos poucos fomos percebendo como as alunas já chegavam a ensino fundamental maior, carregadas, ou melhor, impregnadas do conceito mulher que é construído e ensinado a elas na contemporaneidade. Começamos a esboçar a pesquisa e a possibilidade metodológica que entendíamos ser possível pensar as relações de poderes que compõem saberes acerca da mulher na educação, seria a genealogia. Para a composição dessa genealogia precisávamos compreender as produções discursivas, como suas diversas instâncias estão presentes nas escolas de ensino fundamental menor. Diante destas questões pensamos na escrita de si, porque “escrever é, portanto, ‘se mostrar’, se expor, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro” (FOUCAULT, 2004, p.156). Para Margareth Rago, quando trata das narrativas das mulheres do movimento feministas,

A noção de “escrita de si” é fundamental, nesse contexto, para diferenciar os discursos autobiográficos dessas militantes das autobiografias confessionais tradicionais, em que o indivíduo parte para uma busca introspectiva de si, pela escrita, tendo em vista reencontrar sua verdade essencial supostamente alojada no fundo da alma, na própria interioridade. Aqui, ao contrário, trata-se de assumir o controle da própria vida, tornar-se sujeito de si mesmo pelo trabalho de reinvenção da subjetividade possibilitado pela “escrita de si”. (RAGO, 2013, p.52)

Por conta da escrita si, que na pesquisa entendo como uma narrativa de si, como proposta por Rago, partir em busca de professoras do Povoado Triunfo, que pudessem ser parte da pesquisa. Como se tratava das séries iniciais do ensino fundamental, buscamos nas duas escolas do povoado, que atendem a essa faixa etária. Foram nas escolas do Triunfo que encontramos com Maria, Joana e Lucy que estão na composição desta pesquisa.

São três mulheres. São três destinos. Muitas docências para contar. Muitos encontros e desencontros para compartilhar. Maria, Joana e Lucy, três professoras mulheres do Triunfo. Professoras dos primeiros anos do Ensino Fundamental, formadas em Pedagogia. Lecionam nas escolas do Triunfo. O povoado tem três escolas: uma de ensino fundamental maior e médio; e outras duas de ensino fundamental menor, em que buscamos as professoras que participam desta pesquisa.

A primeira delas é Maria, uma mulher do Triunfo. Foi no povoado que cresceu, estudou, teve o primeiro emprego e trabalha até hoje. São mais de vinte anos de docência lidando todos os dias com os imponderáveis da vida. Em nossa primeira entrevista, realizada em sua casa, em um momento de folga, diversas foram as marcas compartilhadas por ela. Como é forte e marcante a docência em sua vida. Desde menina nunca pensou em ser outra coisa a não ser seguir a profissão da família.

Joana traz marcas da vida além do Triunfo. Não é do povoado. Teve sua formação em Aracaju. Sua família é de Simão Dias, mas fez sua vida fora dali, como também seus conceitos e forma de encarar a vida. Sua experiência docente ainda é recente, mas com marcas significativas. Sua vida docente é obra do acaso para alguém que não queria tor-



na-se professora. Buscou outras profissões, mas acabou ingressando na carreira docente. Nosso encontro foi na sua hora de intervalo entre as paredes da escola.

Lucy nasceu para ser professora. Nunca pensou em algo diferente. Seguiu seu caminho ainda adolescente e não duvidou de sua escolha. Hoje, corre entre dois vínculos, duas cidades e as tarefas de ser mãe e mulher. É uma professora dedicada que acaba transcendendo suas tarefas docentes na sua vida além da escola. Nos encontramos em meio a essa correria, em um raro momento em que deu folga dessa rotina e foi possível compartilhar um pouco dos traços de sua vida.

Narrativas de professoras

Para a pesquisa foram escolhidas três professoras das séries iniciais do ensino fundamental, do povoado Triunfo localizado na cidade de Simão Dias/SE. Estas três professoras trato como muitas outras, por isso o plural nelas, porque são intensas as subjetividades presentes em suas narrativas.

As entrevistas semiestruturadas foram feitas com Maria em sua casa, com Joana e Lucy na escola durante os intervalos. Utilizei um roteiro com questões abertas que tratavam das experiências da formação e atuação docente, marcas, ser professora/mulher, o conceito de coeducação, presença da mulher na educação e demais elementos que foram acionados no decorrer das entrevistas. Após a transcrição me dediquei a selecionar trechos, a partir da análise das falas, para compor as linhas que estão presentes neste texto.

São muitas as passagens em que as Marias, Joanas e Lucys estão compartilhando suas experiências e ao mesmo tempo refletindo sobre sua atuação docente. As suas narrativas trazem para a pesquisa conceitos, marcas, experiências que compõem produções discursivas acerca da mulher na educação, em suas salas de aula. Acreditamos que estes momentos em que colocam em xeque sua atuação, observam como atuam, questionam-se, afirmam, e acabam por movimentar seus entendimentos sobre as questões são movimentos fundamentais para a pesquisa que está lidando com o humano, com a vida.

Compreendemos que estes momentos na pesquisa produzem marcas na formação docente. Maria quando aborda as marcas de sua experiência diz que: “Tem sido a cada dia um aprendizado. A gente aprende demais com nossos alunos. Principalmente, apesar de eu ser do campo, mas eu aprendo muito com eles”¹. Percebemos em sua fala como a relação com o lugar é marcante na sua trajetória docente, como compreende a relação de seus alunos com o meio social em que vivem, e que este lugar tem significados marcantes em sua formação docente, desde a aluna que foi nas primeiras letras, passando pelas primeiras experiências docentes até o momento atual. Ser professora, para Maria é lidar com os aprendizados diários.

Para Joana, sua condição docente não foi algo planejado, e já inicia sua narrativa demonstrando como isso é algo marcante, quando ela afirma que: “A minha condição docente foi um acaso que acabou dando certo, porque quando eu entrei na escola quando eu era pequena, eu não tinha uma profissão certa que eu quisesse ser”². Porque nem

1 Maria. Entrevista I. [27 ago. 2016]. Entrevistadora: Aldenise Cordeiro Santos. Simão Dias, 2016.

2 Joana. Entrevista II. [31 ago. 2016]. Entrevistadora: Aldenise Cordeiro Santos. Simão Dias, 2016.



sempre é pelo desejo, que nos encaminhamos para ser professores. Joana é um desses exemplos de pessoas que optaram pela docência não pelo desejo de ser professora, mas pela necessidade da escolha.

Qualquer profissão não se tem por um momento, somos algo com todas as linhas que nos percorrem. Não há como separar esse emaranhado que nos compõem. Ser professora é uma força que ultrapassa qualquer barreira. Somos professoras em qualquer lugar, distância ou momento.

Ainda não podemos esquecer que a educação é permeada de encontros alegres e tristes, a sala de aula sempre está pronta a nos tirar o chão, esse movimento inusitado faz parte do tornar-se professora. Joana vivencia experiências como estas em seu cotidiano, quando afirma que: “[...] tem também as experiências marcantes que já não são tão boas, que é quando chego na escola com uma aula preparada e não consigo dar aquela aula. Isso acaba marcando, porque você pensa em fazer diferente”³.

Para Lucy a profissão docente foi algo que aconteceu no decorrer de sua adolescência até o momento de sua escolha, como expõe: “não pensei em momento algum em fazer outra coisa”⁴. Sabemos o quanto é necessário que pessoas impregnadas do fazer docente tornem-se professores.

Estes são trechos das narrativas das professoras, das Marias, Joanas e Lucys, que não são muito diferentes de nós e das professoras que passaram por nossa formação. Somos um pouco de cada uma delas. Suas experiências perpassam também nossas salas de aula e aos poucos vamos repensando os conceitos entremeios ao nosso cotidiano.

O Triunfo como lugar

[...] era um passado que mudava à medida que ele prosseguia a sua viagem, porque o passado do viajante muda de acordo com o itinerário realizado, não o passado recente ao qual cada dia que passa acrescenta um dia, mas um passado mais remoto. Ao chegar a uma nova cidade, o viajante reencontra um passado que não lembrava existir: a surpresa daquilo que você deixou de ser ou deixou de possuir revela-se nos lugares estranhos, não nos conhecidos. (CALVINO, 1990, p.21-22)

Para uma genealogia, que trabalha com narrativas de si, nós poderíamos ter escolhido qualquer escola de Aracaju ou de outro município do Estado. O que nos motivou, como pesquisadoras, a lançar nosso olhar para este objeto poderia ter ocorrido em qualquer escola, em qualquer lugar, em que se pode compreender as produções discursivas e saberes sobre a mulheres. Esse lugar tão distante e diferente de nossas experiências foi uma motivação constante ao devir pesquisadora em nós.

O povoado Triunfo fica no município de Simão Dias, em Sergipe, localizado há 120 km de Aracaju. A comunidade tem três escolas, uma de Ensino Fundamental anos finais e Médio, e, outras duas de Ensino Fundamental dos anos iniciais. A pesquisa foi desenvolvida nas duas de Ensino Fundamental dos anos finais.

3 Joana. **Entrevista II**. [31 ago. 2016]. Entrevistadora: Aldenise Cordeiro Santos. Simão Dias, 2016.

4 Lucy. **Entrevista III**. [02 set. 2016]. Entrevistadora: Aldenise Cordeiro Santos. Simão Dias, 2016.



Chegamos ao lugar como a personagem viajante do Calvino que encontrava com lugares desconhecidos, mas que pareciam conhecidos, os conceitos estavam ali, pareciam desconhecidos e longe de nós. Contudo, eram próximos e nos faziam compor estes elementos de pesquisa.

O pesquisador precisa ter um conhecimento do lugar que irá pesquisar, entender as nuances da comunidade, vivenciar os lugares, compreender suas mudanças e permanências. Entretanto, não conhecíamos as professoras que fazem parte desta pesquisa, conhecíamos pessoas que facilitaram o acesso à elas, mas conhecíamos como funcionavam as escolas, horários e onde poderia encontrá-las na comunidade. Assim, fomos organizando o processo das entrevistas, para que tivéssemos momentos em que as professoras estivessem confortáveis e pudessem falar sem preocupação com o tempo. O resultado disso foram entrevistas muito produtivas, que permeiam as páginas deste artigo.

Entre as professoras do Triunfo, Maria é a que vivenciou mais a comunidade, porque é o seu lugar natal, onde estudou as primeiras letras e as brincadeiras da infância. Como é uma comunidade de agricultores em suas palavras desvelam-se a relação da professora como o lugar.

A questão do plantio aprende com eles. Assim, sempre é um aprendizado. O nosso livro é um livro de educação no campo e eles sempre dizem: eu faço isso, lá na roça é assim. Por mais que se diga: criança não é para está na roça, mas o próprio livro traz que a criança pode ajudar. Ai eles comentam: eu não vim porque estava trabalhando. Às vezes eles querem sair para ficar, eles dizem: hoje eu vou sair para ficar com meu pais, que só assim eu ganho um dinheirinho.⁵

Maria também conta da relação dos aspectos morais do lugar com relação ao comportamento de seus alunos, que conta das experiências com um aluno que não queria vestir uma roupa que lembrava ser um vestido, porque sua família não iria gostar. Demonstrando como os aspectos morais desta comunidade incidem no fazer docente.

No folclore teve uma coisa interessante que cada sala ficou de apresentar uma lenda de lobisomem, e nós queríamos uma criança. Pegamos TNT preto e fizemos. Um aluno ia narrar a história. E um disse que não ia vestir não porque era um vestido de mulher. Ai eu disse que homem pode, que em outros países e religiões que as pessoas vestem. Até mostrei a guarda da rainha. Ele aceitou, mas não podia tirar foto para a família não vê, porque a gente esbarra nessa questão e tem que ter o cuidado de não ferir os princípios da família e aos poucos a gente tenta ir trabalhando essa parte.⁶

Esse elemento é uma constante em uma comunidade que tem uma relação muito próxima à escola. Como também afirma Lucy: “Não foi tão diferente aqui, porque os pais ainda acompanham. A gente não vê mais quando eu comecei. Eu insisto, porque não tem nada que substitua o que a família faz em casa, nenhum professor. Pode ser o melhor de todos se a família não tiver do lado”⁷.

5 Maria. Entrevista I. [27 ago. 2016]. Entrevistadora: Aldenise Cordeiro Santos. Simão Dias, 2016.

6 Maria. Entrevista I. [27 ago. 2016]. Entrevistadora: Aldenise Cordeiro Santos. Simão Dias, 2016.

7 Lucy. Entrevista III. [02 set. 2016]. Entrevistadora: Aldenise Cordeiro Santos. Simão Dias, 2016.



Joana entende que não tem muito entendimento acerca da comunidade, por que é da cidade de Simão Dias e se descola para o Triunfo, que fica há cerca de 10 km da cidade. Pensando a sua relação com a comunidade ela diz: “Da comunidade aqui eu não tenho tanto conhecimento que eu não sou dessa comunidade. Não vejo como é a organização social aqui fora o que vem para dentro da escola”⁸. Contudo, compreende como a comunidade rural do Triunfo e seus aspectos morais incidem na escola.

As alunas mulheres

A igualdade é fundamental e ausente, ela é atual e intempestiva, sempre dependendo da iniciativa de indivíduos e grupos que, contra o curso natural das coisas, assumem o risco de *verifica-la*, de inventar *as* formas, individuais *ou* coletivas, de *sua* verificação. Essa lição, ela também, é mais do que nunca atual. (RANCIÈRE, 2002, p.14)

Nas linhas escritas por Rancière, no livro *O mestre ignorante* (2002), desvelam-se as experiências do professor Joseph Jacotot, que propõe no século XIX formas revolucionárias de ensinar, partindo para uma possibilidade de emancipação do aluno, a partir de princípios de igualdade.

Hoje, se discute muitos elementos que a contemporaneidade tem nos incomodado é a violência na sala, a formação de professores, o currículo, e tantas outras tensões. Entretanto, ainda a escola reitera e parte de um pressuposto de desigualdade. É um estudante que está em certo patamar que é inferior ao do seu professor, em nível de conhecimento e de status. São as mulheres e outras tantas diferenças que devem ocupar um lugar inferior, como encontramos nas distinções de cor, credo, opção sexual, maneira de se portar, que não compactua com o modelo, e nos leva a outro lugar de desigualdade.

A distância que a Escola e a sociedade pedagogizada pretendem reduzirá aquela de que vivem e que não cessam de reproduzir. Quem estabelece a igualdade como objetivo a ser atingido, a partir da situação de desigualdade, de fato a posterga até o infinito. A igualdade jamais vem após, como resultado a ser atingido. Ela deve sempre ser colocada antes. A própria desigualdade social já a supõe: aquele que obedece a uma ordem deve, primeiramente compreender a ordem dada e, em seguida, compreender que deve obedecê-la. Deve, portanto, ser já igual a seu mestre, para submeter-se a ele. Não há ignorante que não saiba uma infinidade de coisas, e é sobre este saber, sobre esta capacidade em ato que todo ensino deve se fundar. Instruir pode, portanto, significar duas coisas absolutamente opostas: confirmar uma incapacidade pelo próprio ato que pretende reduzi-la ou, inversamente, forçar uma capacidade que se ignora ou se designa a se reconhecer e a desenvolver todas as conseqüências desse reconhecimento. O primeiro ato chama-se embrutecimento e o segundo, emancipação. (RANCIÈRE, 2002, p. 10-11)

Sempre temos um patamar chamado igualdade ao qual precisamos chegar, e é impressionante como estamos inferiores a ele. Nossos mestres estão no topo da escada que precisamos subir para chegar ao lugar desejado. Somos ainda bons cidadãos gregos, contribuindo para o “consenso”, em que as diferenças são enquadradas em nossas esco-

⁸ Joana. Entrevista II. [31 ago. 2016]. Entrevistadora: Aldenise Cordeiro Santos. Simão Dias, 2016.



las. Alunos trabalhando para o funcionamento de um ideal de escola que a cada dia não consegue lidar com as urgências do contemporâneo.

Ouvindo as professoras temos narrativas de como elas vêm suas alunas, em que apresentam produções discursivas sobre as meninas na educação. Para Lucy suas alunas têm algumas características: “A primeira fofoca vem de lá das meninas: Tia eu sei quem está fazendo isso! Os homens são muito unidos. Meninas não, sempre vai uma entregando a outra”; “Eu vejo as meninas muito mais organizadas”; “Sempre quem vem primeiro são as meninas para falar”⁹. Quantas dessas narrativas são saberes construídos acerca da mulher?

Naturalizamos comportamentos femininos, aliás, ensinamos esses comportamentos aos meninos e meninas em nossos espaços escolares. São marcas profundas em nossa formação e compõem a base da sociedade ocidental contemporânea.

A maioria dos pais empregava técnicas diretas e indiretas para tornar as filhas ‘femininas’ e os filhos ‘masculinos’. Esta socialização era, então, reforçada na escola, bem como através dos meios de comunicação como cinema, revistas, jornais, livros e algumas modalidades de práticas médicas e psicológicas. Uma vez que homens e mulheres eram criados de forma diferente, em consonância com o que a sociedade definia como ‘identidade feminina’ e ‘identidade masculina’, eles passavam a agir, pensar, comporta-se, falar, discutir e enfrentar problemas de forma também diferente. (ROCHA-COUTINHO, 1994, p.58)

Os dispositivos de poder atuam de forma a legitimar estas produções discursivas. Diversos elementos sociais atuam como camadas na composição dos saberes. Somos modelos de “identidades” femininas e masculinas com determinados comportamentos, gestos, conceitos, entre outros, que não podem sair do modelo baseados no que Foucault chamou de heterossexualidade normativa.

Voltando as professoras do Triunfo e buscando linhas que fogem aos enquadramentos, temos as indicações da professora Joana, que trata das lideranças das meninas na sua sala de aula:

Na minha sala de aula tem uma clara liderança feminina. Tem um grupo de meninas líderes na sala de aula, o comportamento delas faz com que exerçam certa liderança. Inclusive eu vejo que as meninas defendem mais, correm atrás das coisas e no espaço da sala de aula eu acho muito interessante. Então, não são apáticas nem nada, elas respondem, elas questionam mesmo pequenas ainda.¹⁰

Precisamos potencializar nas meninas o sentimento que elas podem, que possam ser muito mais que o destino mulher, que liderar, chefiar, e escolher é possível. Somos muito mais que belas, recatadas e do lar, não só mulheres, mas todas as outras diferenças podem romper com as produções discursivas que enquadram a fuga no modelo da contraconduta.

9 Lucy. **Entrevista III**. [02 set. 2016]. Entrevistadora: Aldenise Cordeiro Santos. Aracaju, 2016.

10 Joana. **Entrevista II**. [31 ago. 2016]. Entrevistadora: Aldenise Cordeiro Santos. Aracaju, 2016.



Maria faz uma análise da profissão docente e a intensa presença de mulheres e traça uma relação com suas alunas, entendendo que o equilíbrio entre meninas e meninos é seu território ideal na sala de aula.

É grande a atuação, e a cada dia chegando pessoas novas, mas a maioria sendo mulheres [...] Mas há uma atuação muito forte das mulheres. Quanto aos alunos, quando a turma tem mais homens, eles ficam mais agitados. Eles terminam comandando mais. Quando a sala tem um certo equilíbrio fica mais fácil desenvolver os trabalhos. Ai eu coloco uma dinâmica que eles formem o grupo. Eu levo um símbolo e quem pegou tal símbolo vai sentar com aquele. Porque assim, leva em consideração o gênero, o que está mais desenvolvido e o que não está tanto e eles não sabem como ocorre isso. Mas é bem mais fácil trabalhar com certo equilíbrio.¹¹

As receitas de 10% meninas ou 90% meninos não temos, lidar com a educação é está em contato com o inusitado, estamos atuando com aquilo é humano. Quais são os limites das possibilidades humanas? O que precisamos, enquanto educadoras, é voltar nosso olhar para a diferença. Esta pesquisa se propõe a provocar outras formas de professoralizar além das conhecidas, porque a contemporaneidade urge por reinvenções, por recriações.

Considerações finais

Este trabalho com as entrevistas nos reforça a compreensão de que precisamos buscar narrativas que não sejam uma repetição misógina. As mulheres e as diferenças têm direito da presença nas discussões acadêmicas e para além delas. Temos direito à História, fazer parte dela, porque precisamos compor novas possibilidades de ser, aliás possibilidades outras.

Para pensar a mulher sob as óticas da História, Filosofia, Antropologia, Sociologia, Psicologia, e diversas outras, é necessário ampliar os campos de estudos. Temos o entendimento de como a escolha por conceitos e autores que transitam nestes diferentes campos está sendo fundamental para acionamentos tomados, até pela perspectiva rizomática desta pesquisa. Não podemos esquecer que para falar de mulher temos que pensá-la onde elas estão, e por muito tempo na história elas estiveram no privado, e não foram atreladas a conhecimento ou à sua produção.

Somos mais que belas, recatadas e do lar, e precisamos ter cuidado com o discurso do neoliberalismo que tem capturado até o movimento feminista. Tem se estabelecido um regime de verdades contemporâneas, que enquadra a mulher sob aspectos que parecem de alteridade, mas agem de forma a legitimar um lugar menor e processos de desigualdade para as mulheres.

Pensar a mulher sob outras perspectivas é necessário não para virar o jogo, mas para propor um novo jogo baseado em princípios de igualdade. Desde a educação ao mercado de trabalho, precisam ser repensados; não podemos tolerar a existência de produções discursivas que legitimam a inferioridade do trabalho realizado

11 Maria. **Entrevista I**. [27 ago. 2016]. Entrevistadora: Aldenise Cordeiro Santos. Aracaju, 2016.



pelas mulheres, ou até mesmo a condição desigual de concorrência. Sabemos que a condição da mulher professora já começou numa perspectiva de desigualdade com relação aos homens, porque mesmo com as mesmas ocupações recebiam, no início da profissionalização docente, salários distintos, fato ainda presente na contemporaneidade.

As pesquisas no campo da educação precisam ter um olhar mais sensível às diferenças, entre elas as mulheres, objetivando a desconstrução da identidade feminina patriarcal dominante. O conceito mulher precisa ocupar espaços sociais, culturais e políticos, de forma a atuar por uma igualdade de gênero, direito à educação, trabalho e demais demandas sociais dentro dos princípios de equidade. Com as narrativas das professoras Sophia, Larissa e Raimunda, podemos compreender alguns aspectos que demonstram como a mulher se tornou o que é hoje. Como as produções discursivas habitam os corpos e reiteram a repressão ao feminino.

Referências

- CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- DELEUZE, Gilles. *Diferença e Repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1. – São Paulo: Ed. 34, 1995.
- _____. *O que é Filosofia?* Trad. de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. – Rio de Janeiro: Ed., 34, 1992.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. – Rio de Janeiro: Forense – Universitária, 1987.
- _____. *Michel Foucault: Ética, sexualidade, política*. Manoel Barros da Motta (org.). - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- _____. *Microfísica do poder*. Roberto Machado (org). Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- GALLO, Silvio. *Eu o outro e tantos outros: educação, alteridade e filosofia da diferença*. Disponível em: <www.grupodec.net.br/ebooks/GalloEuOutroOutros.pdf>. Acesso em: 20.01.2012. 16 p.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. – 10 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- PENNAC, Daniel. *Diário de Escola*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.
- RAGO, Luzia Margareth. *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*. – Campinas, SP: Editora Unicamp, 2013.
- RANCIÈRE, Jacques. *O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual*.- Belo Horizonte : Autêntica, 2002.
- ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. *Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares*. – Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

